

HISTÓRIAS
SOMBRIAS
DA MITOLOGIA
GREGA

Valérie Sigward

MEDEIA, a feiticeira

apêndice

Marie-Thérèse Davidson

tradução

Álvaro Lorencini



copyright © 2006 by Éditions Nathan, Paris, França

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Médée, la magicienne

Projeto gráfico

Kiko Farkas e Thiago Lacaz/Máquina Estúdio

Ilustração da capa

Iuri Lioi

Preparação

Ana Maria Alvares

Revisão

Márcia Moura

Huendel Viana

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Sigward, Valérie

Medeia, a feiticeira / Valérie Sigward; tradução Álvaro Lorencini. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Médée, la magicienne.

ISBN 978-85-359-1604-1

1. Literatura juvenil I. Título.

10-00569

cod-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Mapa: o mundo de Medeia 8

Primeira parte — A Cólquida

Prólogo: O carneiro de Hermes 13

1. Todas as manhãs, eu combato cem guerreiros 17

2. A filha do Carvalho Falante 23

3. Os olhos do dragão 29

4. Os guerreiros da terra 37

5. No bosque de Ares 43

Segunda parte — Iolco

6. Uma velha mulher 53

7. Um prodígio 61

8. O rei Pélias está dormindo? 67

9. A cólera de Acasto 73

Terceira parte — Corinto

10. O casamento de Glauce 81

11. A visita de Creonte 87

12. Um vestido de noiva 93

13. A sentença 99

14. O caos 105

Genealogia de Medeia 112

Apêndice — Para conhecer melhor Medeia 115

Glossário 131

Sobre a autora 137

O mundo de Medeia



CÓLQUIDA

Colchos

PONTO EUXINO

The background of the image consists of several thick, dark grey wavy lines of varying lengths and positions, creating a sense of depth and movement against a solid black background.

PRIMEIRA PARTE
A CÓLQUIDA

TODAS AS MANHÃS, EU COMBATO CEM GUERREIROS

—Então você fez essa perigosa viagem de Iolco para cá a fim de me tomar o tosão de ouro? — pergunta o rei Eetes ao rapaz que se posta diante dele.

O jovem, cujo rosto está na penumbra, concorda.

A sala em que estão é iluminada por archotes dos quais se desprende uma fumaça acre. Ela é guardada por homens armados, cujas sombras dançantes parecem desmesuradas. Os soldados de Eetes desembainham suas espadas, o ruído da ferraria é ensurdecedor. Eetes, com um gesto da mão, os retém.

— Outra pessoa já fez a viagem da Grécia até aqui, há muito tempo. Frixo me ofereceu o carneiro de Hermes

como agradecimento à minha hospitalidade, foi ele mesmo que o sacrificou. O tosão de ouro trouxe paz e prosperidade à Cólquida, é nosso bem mais precioso, e você quer que eu disponha dele? Que espécie de louco é você? Aproxime-se para eu ver seu rosto!

O jovem avança um passo, uma pele de pantera lhe cobre os ombros e seu rosto goteja de suor.

— Qual é o seu nome? — pergunta Eetes.

— Eu sou Jasão, filho de Éson. Meus companheiros me esperam a bordo do Argo, meu navio. Em troca do tosão de ouro, estamos prontos a aceitar tudo o que você nos impuser. Se tiver inimigos, nós os venceremos para você...

Eetes se levanta, é corpulento e mais alto que Jasão, cospe no chão. Jasão não se mexe, mas cerra os punhos.

— Não preciso de você para vencer meus inimigos — murmura Eetes. — Ignoro como você pôde chegar às portas do meu palácio. Alguns dizem que uma névoa espessa o envolia, talvez os deuses o protejam! — acrescenta ele, com desprezo.

— Se não acredita no poder dos deuses, dê-me o tosão de ouro, já que ele vem deles!

Tão brutalmente como tinha se zangado, Eetes muda de humor. Jasão acredita até ver um ligeiro sorriso desenhar-se em seus lábios.

— Você quer o tosão de ouro? Que seja! Vou lhe dizer como

consegui-lo. Escute-me bem, Jasão. Todas as manhãs, eu combato cem guerreiros. Antes, como bom cultivador que sou, semeio os maus grãos de onde eles saem. Para isso, lavro um campo graças a dois bravos companheiros, animais magníficos, mas perigosos, dois touros de casco de bronze. Enquanto eu não os arreio, eles não param de cuspir chamas...

— Eu lamento — interrompe Jasão, ironicamente —, a vida parece bem difícil na Cólquida.

— De fato, só os mais corajosos sobrevivem.

Eetes avança para Jasão de punho fechado, como se fosse atingi-lo. Jasão lhe agarra o pulso no ar. Eetes resiste, as veias de seu pescoço começam a inchar. Jasão lhe torce o braço violentamente. Eetes não grita, os dois homens se medem, os soldados estão imóveis e parecem desinteressar-se da luta como se conhecessem o resultado. De repente, Eetes explode de rir e abre a mão, alguma coisa cai dela, Jasão vê no chão algo que lhe parece ossinhos amarelados pelo tempo. Eetes se solta e massageia o pulso, mostrando o chão com o queixo:

— São os maus grãos de que falei.

Jasão se abaixa e apanha um dos ossinhos. Gira-o entre os dedos, ele é pontudo, quase afiado.

— O que é?

— Dentes de dragão, inofensivos enquanto não tocam a

terra. O sangue que derramo todos os dias é um fertilizante prodigioso, meus guerreiros crescem com uma rapidez espantosa. Mas eu não sou apenas um bom cultivador, sou também um guerreiro. Se você for capaz de fazer o que faço todos os dias, colocar dois touros furiosos sob seu jugo, lavrar o campo, semear os dentes de dragão, ver sem medo cem guerreiros brotarem da terra e vencer até o último, se você for capaz de fazer o que faço todos os dias, uma vez só, o tosão de ouro será seu, Jasão, filho de Éson!

Os ombros de Jasão curvam-se sob o peso do desafio que lhe lança Eetes.

— Por que você tem de me fazer crer que combate esses guerreiros? Você sabe perfeitamente que é impossível!

— Certamente que é impossível, senão por que eu lhe pediria para fazê-lo?! Eu não quero lhe dar o tosão de ouro, porém, dou-lhe uma chance ínfima de consegui-lo. Você teria medo? Talvez prefira voltar para a Grécia a bordo do seu magnífico navio? Às vezes, a verdadeira coragem consiste simplesmente em medir suas capacidades e tomar a decisão certa. No seu caso a decisão certa parece ser a fuga. Se partir imediatamente, amanhã de manhã você estará longe e eu nem terei o trabalho de expulsá-lo.

— Amanhã de manhã estarei no seu campo pronto para combater e levarei o tosão de ouro.

— É o que vamos ver. Pelo menos terei o prazer de assistir a um espetáculo divertido. Saia!

Os soldados de Eetes formam um corredor ameaçador, no meio do qual Jasão deve passar para deixar a sala. Eles batem seus escudos de bronze com as espadas primeiro lenta, surdamente, depois cada vez mais depressa e com mais força à medida que Jasão avança. Na passagem, os soldados tentam atingi-lo com a chapa da espada. Ele empurra alguns, devolve golpe por golpe e deixa o palácio debaixo de injúrias.

— Senhor — pergunta um soldado —, devemos abatê-lo?

— Não vale a pena, os touros se encarregarão dele, ele não terá tempo de ver germinar os guerreiros da terra. Em seguida nós massacraremos seus companheiros.

Atrás de Eetes, com um tremor, um tapete se move.

Ele o levanta e descobre uma jovem. Ela empalidece, mas sustenta o olhar do rei com audácia.

— Minha filha me espiando?

— Pai, você precisa deixar esses homens partirem para casa.

— Não se meta nisso, Medeia!

Ele lhe acaricia os cabelos:

— Você não devia estar alimentando o guardião do tosão de ouro?